



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

PEDRO HENRIQUE VASCONCELOSE VALADARES

A REVISÃO EM TEMPO REAL

Análise da estrutura textual das manchetes da *Folha de S. Paulo*

Período: 1934-1945 e 1989-2009

Brasília
2011

PEDRO HENRIQUE VASCONCELOS E VALADARES

A REVISÃO EM TEMPO REAL

Análise da estrutura textual das manchetes da *Folha de S. Paulo*

Período: 1934-1945 e 1989-2009

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto

Orientadora: profa. Denise Martins

Brasília
2011

PEDRO HENRIQUE VASCONCELOS E VALADARES

A REVISÃO EM TEMPO REAL

Análise da estrutura textual das manchetes da *Folha de S. Paulo*

Período: 1934-1945 e 1989-2009

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão
de Texto

Orientadora: Profa. Denise Martins

Brasília, 06 de abril de 2011

Banca Examinadora

Profa. Ms. Regina Furquim

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Dedico esta pesquisa a minha mãe Rosana,
a minha noiva, Lívia e ao meu irmão, Paulo.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer profundamente aos meus colegas de classe, não vou citar nomes, pois incorreria na injustiça de esquecer alguém. Todos foram importantes. Ver profissionais de excelência debaterem comigo, sem menosprezo, o assunto com o qual já trabalham há anos foi um experiência maravilhosa.

Por isso, esse agradecimento é totalmente dedicado aos meus colegas e professores do curso de Revisão de Texto.

Peço perdão pelo tamanho do discurso que farei.
Não tive tempo de escrever um mais breve”.

Winston Churchill

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças da estrutura textual ocorrida no jornalismo impresso brasileiro, por meio da comparação das manchetes da primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* em dois períodos: 1934-1945 e 1989-2009. Com o advento das novas tecnologias, houve grande aumento das fontes de informação, portanto, os jornais impressos vão ter de buscar cada vez mais qualidade para manterem a credibilidade. Pretende-se evidenciar os pontos principais que compõem a gramática do jornalismo, que são o emprego de períodos curtos, da ordem direta e da voz ativa. O estudo visa também a apontar as motivações ideológicas e históricas que levaram à adoção desse modelo lingüístico e discursivo. A intenção é fornecer subsídios para que o profissional de revisão possa integrar-se ao meio jornalístico.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornal impresso; Televisão; Modelo americano, Revisor

Abstract

The research aims to analyze the changes occurring in the textual structure of print journalism in Brazil, by comparing the headlines of the first page of the newspaper Folha de S. Paul in two periods: 1934-1945 and 1989-2009. With the advent of new technologies, there was great increase of information sources, so the newspapers will have to seek more quality to maintain credibility. It is intended to highlight the points that comprise the grammar of journalism, which are short periods of employment, order and direct voice. The study also aims to point out the historical and ideological motivations that led to the adoption of this model linguistic and discursive. The intention is to provide subsidies for the professional review can integrate journalistic environment.

Keywords: Journalism; Newspapers; Television; American model; Reviewer

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. CONSTRUÇÃO DO TEMPO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO	11
2. SUPORTE, DISCURSO, GÊNERO E TEXTO	14
2.1. A linguagem televisiva	16
2.2. O gênero primeira página	19
2.3. O papel do revisor	20
3. UMA FÓRMULA PARA PRODUÇÃO EM SÉRIE	22
3.1. Folha de S. Paulo	24
4. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA	27
4.1. Análise do discurso	27
4.2. Descrição do corpus	29
5. ANÁLISE DOS RESULTADOS	31
5.1. O revisor e o jornalismo	36
5.2. Trabalho preventivo – relato de uma experiência em redação	36
6. Conclusão	38
6. Conclusão	39
7. REFERÊNCIAS	42
Anexo 1: Manchetes componentes do corpus da pesquisa	44
Anexo 2: Matriz comparativa 1934-1945 e 1989-2009	46

INTRODUÇÃO

Se alguém consultar vários jornais e analisar seus padrões frasais, perceberá que são muito semelhantes, para não dizer iguais. Segundo Michael Foucault, “a doutrina liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente, todos os outros” (FOUCAULT, 1998, p.43). Se é possível perceber uma semelhança na forma de reportar dos jornais, pode-se argumentar que os jornalistas seguem uma doutrina.

Este estudo propõe evidenciar pontos-chave da fórmula de produção jornalística utilizada nos jornais impressos e as motivações para sua adoção.

O objetivo é subsidiar o revisor a fim de que possa atuar no campo jornalístico. Para isso, serão abordadas algumas hipóteses que motivaram a adoção do modelo americano de jornalismo, que privilegia a ordem direta, a voz ativa e as sentenças curtas.

Também será mostrado que a ascensão da televisão como principal meio difusor de informação potencializou as características do modelo americano nos jornais impressos brasileiros.

Essa análise será feita por meio da comparação das manchetes principais da primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* em dois períodos distintos. De 1934 a 1945, período anterior à adoção do modelo americano e de protagonismo do jornal impresso como principal difusor de informações; e de 1989 a 2009, período posterior à consolidação do modelo norte-americano e de ascensão da televisão como veículo difusor de informações.

A pesquisa está dividida em seis partes, além desta introdução. Na primeira, será abordada a questão da regulação social do tempo e sua influência sobre os meios de comunicação e sobre a estrutura textual adotada.

A segunda parte abordará os conceitos de suporte, discurso, gênero e texto e suas interconexões. Também serão enumeradas as peculiaridades do meio televisivo e as características do gênero primeira página.

Serão abordados, ainda nessa parte, os pontos fundamentais do papel do revisor. Na terceira parte, serão descritos o modelo americano de jornalismo e as motivações ideológicas da sua adoção. Esse capítulo tratará também de períodos marcantes da história do jornal *Folha de S. Paulo* e da sua influência sobre a linguagem adotada no periódico.

A quarta parte trará a fundamentação metodológica desta pesquisa, que explica os métodos de análise adotados. Essa parte também traz a descrição do *corpus* do estudo.

A quinta parte é dedicada à apresentação e à discussão dos resultados da pesquisa e sua relação com as teorias abordadas nos capítulos anteriores. Essa parte ainda tratará das implicações dos resultados na inserção do profissional de revisão no meio jornalístico e trará um caso prático de atuação de revisor em uma redação.

A sexta parte é dedicada às conclusões do pesquisador e a parte final enumera as fontes bibliográficas utilizadas no estudo.

1. CONSTRUÇÃO DO TEMPO E MEIOS DE COMUNICAÇÃO

O tempo pode ser compreendido como uma construção social. Por meio de marcos simbólicos, os seres humanos estabelecem diferentes apreensões da temporalidade, como explica o pesquisador Alexandre Damasceno:

O processo natural da vida sempre “impôs” ao homem o mesmo curso do nascer ao morrer e do ocupar ou não o vazio, independente do seu querer ou da sua consciência permitir. No entanto, como expressa Elias (1998, p. 21) “o poder regulador dos símbolos sociais impõe uma certa ordem”, também ao homem, cujo intuito é ordenar tais processos a partir das suas próprias necessidades, mas não necessariamente torna-se imperativo ao homem. Como exemplo, podemos citar os símbolos reguladores ‘dia’, ‘mês’, relativos ao tempo (DAMASCENO, 2005, p.2).

De acordo com Damasceno (2005, p.2-3), os sistemas simbólicos reguladores do tempo muitas vezes podem estar sob controle de um grupo de pessoas, que ditará a apreensão do tempo na sociedade.

Em determinadas culturas, observa-se que em determinados momentos específicos da sua realidade, os sistemas simbólicos reguladores de tempo se diferenciam daqueles que foram, convencionalmente concebidos desde a sociedade moderna, que até hoje são validados e utilizados pela cultura científica e adotados como “verdadeiros e absolutos” por alguns, pois adquiriram esse status com a praticidade e o costume de uma tradição na utilização da maioria dos povos europeus, construindo significados históricos de “poder” e de referência que, em grande parte dos povos acabaram sendo considerados como os únicos existentes (DAMASCENO, 2005, p.2-3).

As empresas jornalísticas, por trabalharem com bens simbólicos, por vezes parecem ter influído na forma de percepção do tempo. Para essas corporações, a informação é um produto e potencializar sua demanda é uma forma de aumentar os lucros. De acordo com o jornalista Felipe Pena, a natureza do jornalismo como veículo periódico está no lucro. “Em seu código genético não encontramos um serviço público, mas sim um comércio de notícias” (PENA, 2008, p.33).

Ainda segundo Pena, a evolução tecnológica influencia fortemente a experiência da temporalidade. De acordo com o autor, foi o surgimento de novos meios de comunicação que levou ao estabelecimento da imprensa como veículo diário. A intensificação desse processo “chegou ao cúmulo de hoje termos jornais na internet que trazem notícia segundo a segundo” (PENA, 2008, p.37).

A visão de Pena vai ao encontro da do pesquisador Marshall McLuhan (1996, p.21), quando afirma que “as consequências sociais e pessoais de qualquer meio constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas” (MACLUHAN, 1996, p.21). É possível, então, fazer uma conexão das visões de Pena e McLuhan com os sistemas simbólicos reguladores de tempo apresentados por Damasceno.

Se considerarmos que cada novo meio incrementa a evolução tecnológica e que esse processo afeta a experiência da temporalidade, pode-se concluir que cada meio constrói ao seu redor um novo sistema simbólico regulador do tempo.

Segundo a visão de Damasceno, existem sistemas que adquirem *status* com a praticidade e com a tradição, porque são utilizados pela maioria das pessoas. Esse *status* confere certo poder àquele sistema. Logo, um sistema simbólico regulador do tempo sobressai sobre os demais, que passam a funcionar de forma periférica àquele que assume papel principal.

Pode-se dizer, portanto, que a televisão estabeleceu uma nova forma de apreensão do tempo. A popularização da TV levou-a a assumir o papel de meio principal do sistema regulador do tempo, legando aos demais meios papel periférico.

Os meios tecnológicos são recursos materiais ou matérias-primas, a mesmo título que o carvão, o algodão e o petróleo. Todos concordam em que uma sociedade cuja economia depende de um ou dois produtos básicos (...) apresentará como resultado determinados e evidentes padrões sociais de organização (MCLUHAN, 1996, p.36).

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, em 2009, 95% dos domicílios no Brasil possuía televisão. Considerando somente as residências em área urbana, esta marca passava dos 97%. Percebe-se, então, que a televisão é atualmente o principal veículo de informação no país e, conseqüentemente, o regulador da demanda por informações.

O protagonismo da televisão é descrito pelo pesquisador Ciro Marcondes Filho, que divide o jornalismo em cinco épocas:

Pré-história do jornalismo: de 1631 a 1789. Caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro.

Primeiro jornalismo: 1789 a 1830. Caracterizado pelo conteúdo literário e político, com texto crítico e economia deficitária; comandado por escritores, políticos e intelectuais.

Segundo jornalismo: 1830 a 1900. Imprensa de massa; marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa.

Terceiro jornalismo: 1900 a 1960. Imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado.

Quarto jornalismo: de 1960 em diante. Caracterizado pela informação eletrônica e interativa. Com ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita. (MARCONDES FILHO apud PENA, 2008, p.33).

Esta pesquisa está focada nos dois últimos períodos, que, *grosso modo*, podem ser descritos como a época da imprensa escrita e a época da imprensa televisiva, respectivamente. O objetivo é analisar como a ascensão da imprensa televisiva influenciou a linguagem do jornal impresso.

Segundo o pesquisador Dominique Maingueneau (apud BUENO, 2008, p.9), “foi, sobretudo, com a chegada dos mídiuns audiovisuais e o desenvolvimento da informática que tomamos consciência desse papel crucial do mídiun. Eles revolucionaram efetivamente a natureza dos textos e seu modo de consumo”.

Segundo Jean-Michel Adam, o contexto sociocultural influencia a seleção das estruturas sintáticas.

Em outros termos, não diremos jamais que um texto ou um discurso é composto de frases. A própria existência de frases tipográficas – como os parágrafos, os períodos, as sequências e os textos – resulta de escolhas instrucionais plurideterminadas (ADAM apud MARCUSCHI, 2008, p.82)

Por meio da definição, pode-se dizer que mudanças textuais indicam mudanças discursivas e mudanças da amplitude de certos gêneros e suportes, no caso específico desta pesquisa, o jornal impresso. De acordo com Marcuschi (2008, p.82), “o discurso dar-se-ia no plano do dizer (a enunciação) e o texto no plano da esquematização (a configuração). Entre ambos, o gênero é aquele que condiciona a atividade enunciativa”.

Uma comparação das manchetes do jornal *Folha de S. Paulo* no período de 1934 a 1945 com as do período entre 1989 e 2009 mostra uma mudança esquemática nas manchetes principais, com a predominância no primeiro período do uso da voz passiva e de inversões sintáticas. No período mais recente, há adoção da voz ativa e da ordem direta na quase totalidade das manchetes principais.

2. SUPORTE, DISCURSO, GÊNERO E TEXTO

Para entender como uma mudança na estrutura textual pode indicar uma mudança discursiva e, progressivamente, uma mudança social, é preciso abordar os conceitos de 'discurso', 'gênero', 'texto' e 'suporte'.

Segundo Marcuschi (2008, p.58), o discurso é parte da prática social, algo mais intangível. "Discurso é visto como uma prática e não como um objeto ou artefato empírico". O empirismo caberia, na visão do autor, ao texto que é descrito como "objeto concreto, material e empírico resultante de um ato de enunciação" (idem, p.83). O texto seria a concretização de um recorte discursivo.

A tendência é ver o texto no plano das formas linguísticas e de sua organização, ao passo que o discurso seria o plano do funcionamento enunciativo, o plano da enunciação e efeitos de sentido na sua circulação sociointerativa e discursiva envolvendo outros aspectos (MARCUSCHI, 2008,58).

Entre o universo discursivo e o texto, segundo Adam, existe o gênero, que é uma "diversidade socioculturalmente regulada das práticas discursivas humanas (ADAM apud MARCUSCHI, 2008, p.83). Segundo Marcuschi (2008, p.84), o gênero é um campo discursivo delimitado por uma função social. "Gêneros são modelos correspondentes a formas sociais reconhecíveis nas situações de comunicação em que ocorrem. Sua estabilidade é relativa ao momento histórico-social em que surge e circula". A estabilidade do gênero está, pois, relacionada com a prática social na qual está inserido e também ao suporte que o exhibe.

É necessário escrever um lugar importante ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como a seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela de computador etc. (MAINGUENEAU apud MARCUSCHI, 2008, p.173).

Nesse ponto, é possível retomar a questão da regulação do tempo e sua implicação nos meios de comunicação, mais especificamente o jornal impresso. Se, como afirma Damasceno, o tempo é regulado por sistemas simbólicos que podem variar, pode-se concluir que existe uma alteração no discurso. Essa variação pode influenciar-se pela ascensão de um suporte, que passa a ser predominante em uma sociedade e que irá interferir na forma de cada gênero.

Segundo Maingueneau (idem, p.173), “o midium (suporte) não é um simples ‘meio’, um instrumento para transportar uma mensagem estável. Uma mudança importante do midium modifica o conjunto de gêneros do discurso”.

Como a estrutura textual é subordinada ao gênero, que, por conseguinte, sofre influência do suporte, uma mudança social que promova a predominância de um suporte sobre os demais pode afetar um gênero. Essa mudança irá refletir-se na estrutura textual que aquele gênero pode abarcar. “O gênero prefigura o texto e o gênero define o que no texto empírico faz a figura do texto” (COUTINHO apud MARCUSCHI, 2008, p.85).

De acordo com Marcuschi (2008, p.85), “o gênero é uma escolha que leva consigo uma série de consequências formais e funcionais” e “é sempre identificado na relação com o suporte” (idem, p.174). Na medida em que a televisão passou a dinamizar a oferta de informações, ela alterou o sistema simbólico regulador do tempo. O cidadão não se dispunha mais a esperar a impressão de jornais diários, já que ele podia se informar a qualquer momento pelo noticiário televisivo. Dessa forma, os jornais impressos passaram a ter outra função.

Segundo Marcuschi (2008, p.174), “cada gênero textual tem um propósito bastante claro que o determina e lhe dá uma esfera de circulação”. Para poder circular, no entanto, o gênero depende de um suporte que “serve de base ou ambiente de fixação do gênero e materialização como texto”. De acordo com o autor, o suporte pode ser considerado um tipo de contexto “pelo seu papel de seletividade” (idem, p.175).

Para poder conviver com a televisão, o jornalismo impresso teve de encontrar uma nova função, e a mudança de função acarretou mudança da estrutura textual.

Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social (MILLER, 1984) corporificadas na linguagem, somos levados a ver os gêneros como entidades dinâmicas, cujos limites e demarcações se tornam fluidos (MARCUSCHI, 2008, p.151).

Como observou McLuhan, a introdução de um novo meio de comunicação altera a forma de a sociedade se comunicar. Como a televisão passou a ser o meio que ditava a linguagem do jornalismo, os jornais impressos passaram a adotar um padrão sintático semelhante ao do meio televisivo.

Isso pode ser verificado na comparação entre as manchetes do jornal *Folha de S. Paulo* do período de 1934 a 1945 e do período de 1989 a 2009. Neste, há predominância da voz ativa, de períodos curtos e da ordem direta, naquele há o uso de períodos mais longos, o emprego mais frequente da voz passiva e de inversões sintáticas.

Além disso, no período mais recente, percebe-se também quantidade maior de fotografias, o que pode indicar uma estratégia para tentar se aproximar do aspecto visual proporcionado pela televisão.

Para o revisor, é importante entender que formato possui o gênero jornalístico quando exibido pelo suporte jornal impresso. Para isso, faz-se necessário entender como se chegou à atual estrutura textual utilizada nesse meio.

2.1. A linguagem televisiva

A televisão, como se viu, é atualmente o meio de comunicação mais massificado do Brasil. Ela alcança acima de 95% dos lares brasileiros. “Segundo o Ibope, em maio de 2004, só na Grande São Paulo, o telejornal com maior audiência foi visto por mais de três milhões de pessoas. No mesmo período, a tiragem diária

da *Folha de S. Paulo*, o jornal impresso de maior circulação do país, foi em média, de 307 mil exemplares (BACELLAR; BISTANE, 2005, p.9).

Por esse alcance, a televisão é o meio que dita a linguagem jornalística na atualidade. A estrutura linguística usada pela televisão sofre influência direta do tempo. “A agilidade é uma das características do telejornalismo e não deve servir de alibi para noticiários de má qualidade” (idem, p.10). A televisão é um meio que preza a velocidade e a síntese da informação. Bacellar e Bistane (2005, p.11) exemplificam essa exigência feita pelo meio televisivo:

Tente contar em um ou dois minutos o que aconteceu em sete horas. Experimente resumir nesse curto espaço de tempo o que ouviu numa palestra, numa reunião ministerial, ou procure explicar a nova política industrial. Esse é o desafio diário do repórter de TV: relatar com precisão e síntese (BACELLAR; BISTANE, 2005, p.11).

Os limites estabelecidos pelo suporte influenciam diretamente a estrutura textual que será adotada. Além da questão temporal, outro fator que determina a estrutura sintática no meio televisivo, especialmente a preferência pela voz ativa, é o fato de a maioria das matérias ser focada em um agente, como explicam Bacellar e Bistane (2005, p.14):

Buscar pessoas que possam exemplificar uma situação humaniza uma reportagem. Mostrar as dificuldades de uma família para administrar o orçamento é muito mais próximo da realidade do telespectador do que encher a tela de números e índices para evidenciar o aumento do custo de vida (BACELLAR; BISTANE, 2005, p.14).

A televisão também proporciona uma seleção vocabular que, segundo Bacellar e Bistane (2005, p.15), evita as palavras “metidas à besta”. De acordo com a autora, a linguagem da TV busca aproximar-se ao máximo da linguagem do dia a dia. “Ninguém diz pra namorada: ‘hoje eu presenciei uma colisão entre dois veículos’; a gente diz que viu um acidente. É assim que devemos falar com os telespectadores: de maneira coloquial, direta, com frases curtas para facilitar o entendimento”.

Marcuschi explica que essa adaptação da linguagem deve-se à adequação ao meio:

Todos os gêneros comportam uma ou mais sequências tipológicas e são produzidos em algum domínio discursivo que, por sua vez, se acha dentro de uma formação discursiva, sendo que os textos sempre se fixam em algum suporte pelo qual atingem a sociedade (MARCUSCHI, 2008, p.176).

De acordo com Marcuschi, “a própria seleção da linguagem segue a decisão do gênero e seu funcionamento discursivo no contexto pretendido” (2008, p.86). Uma reportagem televisiva, por fazer parte de um contexto no qual a agilidade e a síntese são indispensáveis, exige o emprego de uma estrutura sintática específica, caracterizada por frases curtas, na ordem direta e na voz ativa.

O fato é que até agora nenhum dos veículos de mídia de massa suprimiu quaisquer um dos outros a ponto de extingui-los. Com o nascimento, crescimento e consolidação de diferentes mídias, os outros meios vão se adaptando, reconfigurando-se e encontrando seu espaço dentro das infinitas hipóteses de abordagem e linguagens de aproximação com o público. (FERRER, 2008, p.16).

Com a ascensão da televisão, o jornal impresso buscou rever sua abordagem de linguagem, passando a adotar um padrão que tornasse o ato de leitura mais dinâmico e permitindo que ele coexistisse com a TV.

Apesar de captar diversas características da televisão e buscar uma escrita mais próxima do campo da oralidade, o jornal impresso ainda guarda características próprias, pois, por ser um meio essencialmente estático, não é possível, nem vantajoso, buscar competir com a televisão. Além disso, a televisão tem uma amplitude muito maior que o jornal impresso.

Segundo Scalzo (SCALZO apud FERRER, p.25), “na televisão fala-se para um grande estádio de futebol, onde não se distinguem rostos na multidão; no jornal, fala-se para um grande teatro, mas ainda não se consegue distinguir quem é quem na plateia”. Tanto na TV quanto no impresso, é necessário buscar uma linguagem generalista.

Nesse ponto, há uma convergência com o pensamento de Bacellar e Bistane, quando se colocam contra as palavras “metidas à besta”. É possível entender essa afirmação como uma indicação de que o jornalismo, para se aproximar das ruas, precisa adotar uma linguagem mais coloquial, próxima da oralidade.

Procurando contemplar um público amplo e heterogêneo, dotado de múltiplas perspectivas nascidas da complexidade de sua vida cotidiana, na qual assume vários papéis várias vezes ao dia, o jornalismo tende a incorporar, no íntimo mesmo da sua prática, a fragmentação e a heterogeneidade. Colaboram ainda nesse sentido a abrangência da sua repercussão, que o torna sensível a todas as forças de pressão presentes na sociedade, e o ritmo vertiginoso em que é produzido, obrigando-se a incorporar em doses elevadas a causalidade não digerida dos fatos, o impacto das primeiras impressões e a emoção alterada diante do inesperado (SEVCENKO, 2006, p.9).

Dessa forma, o revisor deve observar as características e as funções que cada suporte pretende cumprir, pois, como afirma Maingueneau, “os midiuns são ao mesmo tempo modos de transporte e de fixação, mas interferem no discurso” (MAINGUENEAU apud MARCUSCHI, 2008, p. 174). Sendo assim, na hora de buscar um sinônimo para uma palavra em um jornal, por exemplo, o revisor deve atentar para que a palavra escolhida seja de fácil entendimento ao maior número possível de leitores.

2.2. O gênero *primeira página*

O pesquisador Harrison Rocha (2007, p.65) propõe que a primeira página do jornal impresso deve ser tratada como um gênero distinto dos demais conteúdos desse meio.

(A primeira página) possui regularidades material, discursiva, visual, social e ideológica: serve de chamada para outros gêneros; tem o objetivo de prender a atenção do leitor por meio de recursos linguísticos, analógicos e projeto gráfico que formam a identidade do jornal. (2007, p.65).

A primeira página também é a parte do jornal cuja forma mais demonstra as influências da televisão no jornal impresso. Rocha explica como se dá a disposição das informações na primeira página.

As matérias de destaque vêm sempre com “chamadas” associadas a fotos, as segundas vêm geralmente dissociadas de foto e localizam-se abaixo da primeira metade. Além disso, a diagramação, assim como texto, fotos, desenhos e outros elementos contribuem para a identidade do jornal. A metade superior recebe mais destaque e fica em evidência para os consumidores, trazendo as matérias mais importantes (idem).

Rocha chama atenção também para uma característica funcional da primeira página, que contribui para a compreensão do objetivo desta pesquisa. Segundo o autor, “há pessoas que leem apenas manchetes, as chamadas, as imagens etc., mas abandonam a leitura de matérias completas no interior do jornal” (ibidem).

O fato relatado pelo pesquisador demonstra a importância de entender a mudança que vem ocorrendo nas construções textuais do jornal impresso por influência da televisão, principalmente. Para o revisor, é de suma importância entender a aproximação de meios (televisivo e impresso), a fim de poder intervir no texto de forma que não afete sua funcionalidade.

Segundo o historiador Nicolau Sevcenko (2006, p.9), “o ideal de uma primeira página bem realizada é ser vibrante e inesquecível”. Essa idealização apontada pelo historiador pode ser associada ao pensamento do pesquisador Leandro Marshall (apud ROCHA, 2007, p 63), que afirma que o jornalismo “atualmente é um misto de linguagens, ideologia, estética, consumo, marketing e publicidade”.

O misto de linguagens, potencializada na primeira página, foi intensificado depois que a televisão passou a ser a principal fonte de consumo de informações no Brasil. O jornal impresso buscou, na publicidade e no marketing, meios de tornar a informação que produz mais atrativa ao consumidor. As manchetes da primeira página da Folha de S. Paulo parecem apontar que a estratégia adotada foi procurar uma estrutura linguística mais próxima à utilizada no meio televisivo.

2.3. O papel do revisor

Como mostrado anteriormente, o advento da televisão mudou a percepção do tempo e aumentou a demanda por informação. Para se destacar entre vários produtores de conteúdo, um veículo deve primar pela qualidade dos seus textos, o que pode se tornar um diferencial competitivo.

Qualquer autor, por melhor que seja, comete erros, emite conceitos incoerentes, é repetitivo, fica cego às vezes a coisas absurdas que o seu texto contém. Essa incapacidade de “enxergar” é fruto comumente do seu contato diuturno e exaustivo com a criação (COELHO NETO, 2008, p.61).

Na redação de um jornal, há ainda mais um item que pode fazer com que o autor não perceba seus equívocos: o tempo. O jornal tem prazo de fechamento. O jornalista, além de preocupar-se com a correção, a coesão e a coerência de seus textos, precisa averiguar os fatos, entrar em contato com fontes, procurar material de arquivo para compor a matéria entre outras obrigações.

Faz-se, então, imprescindível a figura do revisor. É na revisão textual consciente, detalhista, competente, que o conteúdo vai ser aprimorado, no que diz respeito à coesão e à coerência, aos erros ortográficos, aos erros conceituais, enfim, aos deslizes praticados pelo autor (COELHO NETO, 2008, p.61).

Acrescente-se ao argumento de Aristides Coelho Neto que, no campo jornalístico, o revisor, além de ser competente e atencioso, deve ter a capacidade de trabalhar com prazos curtos.

Empresas jornalísticas muitas vezes abrem mão de um revisor, porque o profissional não tem conhecimento das regras textuais do jornalismo. Além disso, como ressalta Coelho Neto (2008, p.62), “uma publicação que não passar pelo revisor custará menos”.

3. UMA FÓRMULA PARA PRODUÇÃO EM SÉRIE

O pesquisador Nilson Lage afirma que, a partir da década de 1950, o jornalismo brasileiro passou a utilizar os moldes do jornalismo americano. Segundo Lage (2004, p.10), a adoção do novo método de reportar foi implantada no Brasil pelos jornalistas Danton Jobim e Pompeu de Sousa.

Os dois “arregimentaram um grupo de jovens, vindos quase todos de diferentes cursos universitários, para introduzir no Brasil as técnicas de redação originalmente desenvolvidas nos Estados Unidos e que já se haviam generalizado nos países desenvolvidos” (LAGE, 2004, p.10).

A aspiração de modernidade adequava-se ao espírito desenvolvimentista da década e correspondia à influência do estilo das agências de notícias internacionais (France Press, United Press, Associated Press, principalmente), cujos telegramas traduzidos os jornais transcreviam. Com a Segunda Guerra Mundial e, em seguida, a guerra fria, esses telegramas ocupavam espaços privilegiados, em conflito estilístico claro com as matérias locais (LAGE, 2004, p.10).

Esse processo implicou uma série de mudanças no estilo jornalístico, entre elas, a eliminação dos pronomes de tratamento, de palavras que exprimiam juízo de valor (como alguns adjetivos e advérbios) e a valorização de sentenças mais curtas (uma ideia por frase), de palavras mais coloquiais e da ordem direta.

Em suma: o texto jornalístico utiliza um léxico simplificado, sistema verbal restrito à terceira pessoa e a alguns tempos verbais, constrói períodos mais curtos e evita ou delimita o sentido de construções problemáticas, como as proposicionais. Isto lhe permite produção rápida e eficiente para fins informativos, obedecendo às normas gerais da língua. No entanto, confina a abrangência dos enunciados: a informação em jornalismo é axiomática, geralmente não dedutiva, dispensa a argumentação e as estratégias de convencimento. Reporta-se (LAGE, 2004, p.16).

Lage reconhece também que a televisão e, mais atualmente, a internet potencializaram o uso dessa fórmula telegráfica nos jornais impressos.

Os períodos costumam ser mais curtos do que no uso formal. Períodos muito longos (com mais de 20 palavras, em média, dependendo, naturalmente, do grau de coesão) são de leitura difícil e seletiva quanto ao nível cultural do leitor. A brevidade é evidentemente maior nos enunciados

destinados a serem lidos, no rádio ou na televisão, e nos que se destinam à veiculação noticiosa pela Internet (LAGE, 2004, p16).

O jornalista Felipe Pena (2008, p.90) afirma que essa fórmula jornalística carrega a ideologia capitalista. “A notícia é um produto à venda e está exposta na vitrine do capitalismo industrial”. Para o autor, os jornais brasileiros privilegiam o padrão americano de jornalismo, fortemente influenciado pelas grandes corporações que patrocinam os veículos.

Essas corporações utilizam uma forma simplificada para poder produzir mais notícias em menos tempo. Pena (2008 p99) alega que o discurso da objetividade do método americano está contaminado por um pensamento mercantil. “A unificação dos conteúdos permite um barateamento dos custos e, conseqüentemente, maior competitividade”.

A visão de Pena vai ao encontro da teoria de Anthony Giddens, que afirma que a pós-modernidade marcou a ascensão da organização. O pesquisador defende que, por causa da mudança na regulação do tempo na pós-modernidade, passou-se a procurar formas pré-moldadas para tornar as relações mais dinâmicas.

O mundo moderno é um ‘mundo em disparada’: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta as práticas sociais e modos de comportamento pré-existentes são maiores (GIDDENS, 2003, p.22).

Em consonância com Giddens, Lage afirma que a fórmula americana de simplificação e vulgarização da linguagem dá mais amplitude aos meios de comunicação e, com isso, permite que eles levem informação a um número maior de pessoas.

A informação de que uma nave experimental é movida a jatos de partículas subatômicas ou íons é adequada e bastante para um público com formação básica escolar completa, mas nitidamente insuficiente para um físico, que gostaria de dispor de detalhes sobre o funcionamento desse motor iônico; a mesma informação é, por outro lado, inacessível a pessoas sem formação básica completa ou que não prestaram a atenção merecida às aulas de ciências – daí o bom senso de se acrescentar no jornal uma explicação suplementar tal como “este é um tipo de motor que só existia em filmes de ficção e histórias em quadrinhos” (LAGE, 2004, p.15).

A concepção de uma fórmula para a produção jornalística, segundo o pensamento de Giddens, também buscaria criar sistemas globais de transmissão de informações, que ele denomina fichas simbólicas.

“Fichas simbólicas são meios de troca que têm um valor padrão, sendo assim intercambiáveis numa pluralidade de contextos” (GIDDENS, 2003, p.24). Tais fichas simbólicas contribuiriam para que o jornalismo estabelecesse uma doutrina própria, confinando a profissão a um grupo especializado e configurando o que o autor chama de mecanismo de desencaixe.

O desencaixe é “o deslocamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas do espaço-tempo” (GIDDENS, 2003, p.22). Pode-se concluir que, à medida que a *Folha de S. Paulo* se torna um veículo de maior amplitude, o conhecimento especializado do jornalista passa a ser mais valorizado.

Giddens contribui para entender porque a fórmula americana passou a ser predominante nos jornais. Segundo ele, “os sistemas especializados põem entre parênteses o tempo e o espaço dispondo de modos de conhecimento técnico que têm validade independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso deles” (GIDDENS, 2003, p.24).

A concepção de um formato-padrão de comunicar está relacionada com a necessidade da empresa de tornar perene o seu modo de produção. Com uma matriz que possui regras estáveis, a empresa pode continuar produzindo informações independentemente de quem estiver escrevendo.

Dessa forma, percebe-se que a ideologia capitalista perpassa o texto jornalístico. Nesse ponto, é possível retomar o pensamento de Marcuschi que afirma ser o texto nada mais que a materialização da prática discursiva.

3.1. *Folha de S. Paulo*

Como visto anteriormente, os suportes sofrem influência do meio social, que, por sua vez, é influenciado pelo contexto histórico. Todos estes componentes afetam as características do gênero jornal e, por conseguinte, do gênero primeira página.

Por isso, para analisar as alterações ocorridas nas manchetes principais da primeira página da *Folha de S. Paulo*, é necessário abordar alguns aspectos da história do veículo.

Segundo Sevcenko (2006), o jornal tem origem em fevereiro de 1921, com base no periódico *Folha da Manhã*, que em 1931 viria a constituir a base da empresa Folha da Manhã Limitada.

Em 1945, um novo grupo assume a direção do jornal e transforma-o em uma sociedade anônima, com o nome de Folha da Manhã S.A. Posteriormente, foram criados outros periódicos, como a *Folha da Tarde* (junho de 1949). A partir de 1960, todos os jornais do grupo são reunidos sob o nome de *Folha de S. Paulo*.

Sevcenko (2006) esclarece que história do jornal passou por cinco fases determinantes: de 1921 a 1930, chefiada por Olival Costa e Pedro Cunha, tinha uma orientação localista, mais voltada para questões regionais; de 1930 a 1945, esteve sob comando de Octaviano de Lima, Diógenes Lemos e Guilherme Almeida, destacando-se prioritariamente pela defesa intransigente dos interesses dos cafeicultores; de 1945 a 1962, esteve sob a direção de José Nabantino Ramos, Alcides Ribeiro Meirelles e Clóvis Medeiros Quiroga, que alinharam o jornal ao discurso desenvolvimentista então em voga; em 1962, assume a direção o atual grupo de comando, representado na época por Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho.

Duas características devem ser ressaltadas para análise das manchetes do jornal nos períodos selecionados para este estudo. No primeiro período selecionado, de 1934 a 1945, o país ainda tinha a maior parte da sua população na área rural. Logo, pode-se inferir que o jornal falava para um público mais restrito, mais especificamente a elite cafeicultora. Em outras palavras, era um jornal mais local e com público-alvo mais facilmente identificável.

A partir de 1970, a população brasileira passou a ser predominantemente urbana. Com a decadência da cafeicultura e a maior diversificação da população das cidades, o jornal precisou adotar uma linguagem mais ampla e generalizada.

Um dos aspectos mais marcantes da história da *Folha de S. Paulo* é o de que se trata de um jornal em constante reformulação. A história da *Folha* é por isso muito mais a trajetória de muitas mudanças do que o desdobramento linear de uma identidade permanente, estável, resolvida (SEVCENKO, 2006, p.8).

As palavras de Sevcenko reforçam a influência que os meios sofrem do contexto sócio-histórico de que fazem parte. Esse aspecto deve estar claro para o revisor, que deve atentar para as mudanças que o contexto imprime à estrutura linguística adotada pelo jornal.

4. FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Para comparar as estruturas textuais das manchetes da *Folha de S. Paulo* entre os períodos de 1934-1945 e 1989-2009, será utilizado o método de análise do discurso. Também será feita a decomposição de alguns períodos em constituintes imediatos e a análise sintática, de modo a comparar os padrões frasais utilizado nos dois períodos.

As sentenças também serão avaliadas por sua extensão. O objetivo é observar se houve um aumento no emprego de períodos mais curtos, como relata Nilson Lage.

4.1. Análise do discurso

O autor Eduardo Manhães (2010, p.305) lembra que discurso significa “em curso”. Dessa forma, o pesquisador entende que toda mensagem é construída dentro de uma discursividade que não é estática.

A noção de discurso é uma consequência da premissa hermenêutica de que a interpretação do sentido deve levar em conta que a significação é construída no interior da fala de um determinado sujeito; quando um emissor tenta mostrar o mundo para um interlocutor, numa determinada situação, a partir de seu ponto de vista, movido por uma intenção (MANHÃES, 2010, p.305).

Para Manhães, o discurso é a apropriação da linguagem (código formal, abstrato e impessoal). Esse processo de uso da língua, no entanto, só pode acontecer por meio de um sujeito, que, por sua vez, está inserido em uma realidade social e em uma prática discursiva.

Dessa forma, ao fazer uso da língua, o sujeito classifica, ordena e organiza o mundo mostrado. Como age sobre uma realidade social, o emissor busca persuadir e convencer o interlocutor da pertinência de seu modo de classificar e organizar o mundo mostrado. Com isso, ele constrói uma voz, um modo de falar, um entendimento de mundo (MANHÃES, 2010, p.305).

A análise do discurso deve levar em consideração que “a expressão linguística, necessariamente linear e sintagmática, não é a reprodução do extralinguístico, mas a sua interpretação em novas condições de apresentação, pelo sintagma linear” (CÂMARA Jr., 1972, p.16). Por causa desse impedimento, Manhães (2010) afirma que os homens são prisioneiros da linguagem, pois “para se expressarem são obrigados a utilizar e respeitar as regras e os mecanismos linguísticos e a se relacionarem com código e falas já constituídas” (2010, p.306).

A análise linguística nas manchetes principais da capa do jornal *Folha de S. Paulo* será feita, levando-se em consideração a visão de Saussure.

Para Saussure a expressão linguística é intrinsecamente sintagmática, porque se decompõe de regra em formas elementares indivisíveis agrupadas em sequências, cada uma dessas formas é fragmentária e incompleta por si mesma e só consegue funcionar na linguagem, quando agrupada a outras no conjunto que Saussure chama o ‘sintagma’”(CÂMARA Jr, 1972, p.15-16).

Os sintagmas podem ser verbais ou nominais. A escola norte-americana, como explica Câmara Jr., adota uma denominação mais genérica e opera com a decomposição em constituintes imediatos. É por meio dessa decomposição que se pretende comparar os padrões frasais utilizados nos dois períodos de análise: 1934-1945 e 1989-2009.

Dessa forma, será possível analisar a incidência das frases na ordem direta e na voz ativa, que, segundo Lage (2004), passaram a ser hegemônica a partir da adoção do modelo americano de jornalismo e foram intensificadas após a ascensão da televisão como suporte principal da comunicação.

A análise também buscará verificar o número de palavras de cada sentença. A intenção é examinar se o atual modelo realmente emprega sentenças mais curtas, como afirma Lage.

Como explica Manhães, o discurso é construído por meio de indicadores, que representam a realidade social na qual está inserido.

Ao se apropriar da linguagem e construir um discurso, o sujeito deixa pegadas que nos permitem identificar sua presença e o modo como foi construindo o enunciado: os indicadores de pessoa, de lugar e de tempo, ou a voz ativa e passiva, por exemplo (MANHÃES, 2010, p.308).

A intenção é buscar evidenciar que o jornalismo atual segue uma fórmula, que molda o discurso dos jornalistas. Essa fórmula estabelece uma série de regras de construções textuais. Ao trazer à tona essa matriz, pretende-se contribuir para a adequação do trabalho do revisor ao meio jornalístico.

4.2. Descrição do *corpus*

O *corpus* desta pesquisa foi retirado do livro *Primeira Página – uma viagem pela história do Brasil e do mundo nas 223 mais importantes capas da FOLHA desde 1921*. Foram selecionadas as manchetes principais dos períodos de 1934-1945 e de 1989-2009.

Os períodos foram escolhidos por serem politicamente delimitados. O primeiro compreende o governo de Getúlio Vargas e o segundo, o período pós-redemocratização. Apenas as manchetes principais foram analisadas. A escolha foi motivada pela tentativa de delimitar mais o *corpus*, tendo em vista que as manchetes secundárias tinham formas muito diferenciadas, o que prejudicaria a comparação entre os períodos.

Foram publicadas no livro 20 capas referentes ao período de 1934 a 1945, o que resulta em número igual de manchetes principais. No período de 1989 a 2009, foram publicadas 33 capas, logo 33 manchetes principais. Tendo em vista a diferença entre o número de manchetes, adotou-se uma representação percentual da quantidade de matérias que adotam a ordem direta e a voz ativa.

Com relação ao número de palavras das sentenças, foi comparada a média dos dois períodos. Ao longo da análise dos resultados, serão destacadas algumas análises como forma de exemplificação. Essa decisão foi tomada, levando em conta

que a apresentação de 53 análises seria excessivamente longa. Todas as manchetes estão disponíveis no anexo 1.

A título de exemplo, tem-se:

a) *O Brasil, em face dos Atentados contra sua Soberania, reconhece o Estado de Guerra com a Itália e Alemanha* (1934-1945): a manchete caracteriza-se pela intercalação, que transgride a ordem direta (Sujeito – adjunto adverbial – verbo – objeto) e pela extensão frasal (19 palavras).

b) *África do Sul liberta Nelson Mandela* (1989-2009): a manchete caracteriza-se pela ordem direta (Sujeito – verbo – objeto) e pela redução frasal (6 palavras).

c) *Subjugado audacioso golpe integralista no Rio* (1934-1945): a manchete caracteriza-se pelo emprego da voz passiva, com elipse do verbo auxiliar, além da quebra da ordem direta (Verbo – sujeito – adjunto adverbial);

d) *Bush declara vitória na guerra* (1989-2009): Novamente, é possível notar o emprego da voz ativa e da ordem direta (sujeito – verbo – objeto – adjunto adverbial).

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Das 20 manchetes do período entre 1934 e 1945, a ordem direta é utilizada em 55% das sentenças. Metade está na voz ativa, e cada sentença tem em média 9,4 palavras.

Nas 33 manchetes do período mais recente (1989-2009), 79% estão na ordem direta, 88% estão na voz ativa e cada sentença tem em média 6,7 palavras. Os números foram todos arredondados para cima.

O resultado pode ser analisado à luz de várias teorias levantadas anteriormente nesta pesquisa. Primeiramente, pode-se retomar o pensamento de Damasceno (2005), ao afirmar que o tempo é socialmente regulado e que os sistemas simbólicos reguladores do tempo influem na produção da sociedade.

É possível inferir que, na pós-modernidade, o tempo da informação passou a ser mais rápido. A demanda por notícias aumentou e essa expansão pode ter levado à adoção de uma fórmula, como apontado por Lage, para acelerar a produção de informações.

Percebe-se, no período 1934-1945, maior heterogeneidade no padrão frasal: 50% das sentenças que estão na voz ativa, 40% estão na voz passiva e 10% são frases nominais.

No período mais recente, nota-se o quase desaparecimento das frases nominais. Das 33 sentenças, apenas uma está nessa categoria, o que representa menos de 2% do total. É importante ressaltar, também, que seu uso deveu-se a um fato extraordinário, que foi o *impeachment* do presidente Fernando Collor. A manchete trazia somente a palavra “Impeachment”, seguida de uma exclamação. Mesmo neste caso, é possível notar a preferência pelas sentenças curtas.

Ainda no período mais recente, registrou-se que 9% das frases estão na voz passiva. Nesse ponto, a conjuntura política pode ter influenciado. Entre 1934 e 1945, o Brasil esteve sob o comando do presidente Getúlio Vargas, que viria a implantar

posteriormente uma ditadura, o que resultou em forte controle do conteúdo dos meios de comunicação. Logo, é possível atribuir o maior uso da voz passiva à intenção de esconder o agente da ação.

Essa hipótese é reforçada pelo fato de que todas as manchetes em voz ativa referem-se a acontecimentos internacionais. Todas as manchetes que tratam de assuntos nacionais ou são representadas por sentenças na voz passiva, ou por frases nominais.

Aqui, é possível retomar o pensamento de Eduardo Manhães (2010), quando afirma que “a presença de um sujeito que se apropria da linguagem para mostrar o mundo a partir de seu ponto de vista e em situações específicas demonstra que sujeitos sociais diferentes designam objetos de modos distintos” (2010, p.308). Essa influência do contexto sócio-histórico fica mais clara quando se compara com o período mais recente, no qual quase 90% das manchetes está na voz ativa.

Outra hipótese para explicar os resultados é a ascensão da televisão como meio principal de comunicação. Como ressalta McLuhan (1996), a partir do momento em que um meio passa a ser hegemônico, as informações tendem a se moldar pelas características desse meio.

Retoma-se aqui uma afirmação de Bacellar e Bistane (2005): “esse é o desafio diário do repórter de TV: relatar com precisão e síntese” (2005, p.11), ou seja, a TV exige frases mais diretas e curtas. Percebe-se, portanto, que a ascensão da televisão influenciou no padrão frasal adotado pelos demais meios, principalmente pelo jornal impresso.

Como afirma Marcuschi (2008), o texto circula na sociedade por meio de um suporte, logo este tem um papel de seleção da linguagem. É possível deduzir que a televisão influenciou a mudança da estrutura textual do jornalismo.

Essa influência não se resume somente à extensão das frases. Como o tempo na televisão é caro e é necessário o envolvimento de mais pessoas para a

realização de uma matéria (repórter, iluminador, câmera etc.), é preciso estabelecer um padrão de comunicação, que se repete, para que as pessoas assimilassem mais facilmente as informações.

Além disso, o público dos meios de comunicações cresceu entre os dois períodos analisados, principalmente a partir de 1970, quando a população urbana passou a ser maior que a rural. Esse fato, conjugado com a massificação da televisão, que atualmente está presente em quase todos os domicílios, traz a linguagem televisiva para o centro do discurso jornalístico.

Outro motivo que pode explicar a adoção do modelo americano de reportar é o fato de que a essa escola é atribuído o valor da objetividade. Com períodos mais curtos e evidenciação do agente, por meio do emprego da voz ativa, e da ordem direta, a escola americana procura transmitir uma imagem de isenção.

Como afirma o pesquisador Michel Foucault (1998, p.10), “o discurso não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é objeto de desejo”. O autor defende que, no campo discursivo, há uma luta pela posse da vontade de verdade.

Ela (a vontade de verdade) é também reconduzida profundamente sem dúvidas pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 1998, p.17).

Dessa forma, poderia ser dito que o modelo americano de jornalismo apropriou-se da vontade de verdade.

A fórmula deixa de ser vista como uma simplificação linguística que visa produzir notícias em série, como se fossem produtos. Como explica Foucault (1998, p.62), “o discurso eficaz, o discurso ritual, carregado de poderes e de perigos, ordenou-se aos poucos em uma separação entre discurso verdadeiro e discurso falso”.

A matriz norte-americana passa a ser socialmente aceita como um caminho para reportar informações de forma isenta e objetiva, livre da influência de ideologias.

Nesse contexto, tem-se um modelo jornalístico, com origem na ideologia capitalista, pois visa à simplificação dos processos para aumentar a produção e o lucro das empresas jornalísticas, porém escondido no pretexto da isenção e da objetividade.

Uma disciplina se define por um domínio de objetos, um conjunto de métodos, um corpus de proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e de definições de técnicas e de instrumentos (FOUCAULT, 1998, p.30)

Foucault (1998, p.36) afirma que “a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso”. O estabelecimento de um grupo de normas que passam a reger a linguagem jornalística é um instrumento de controle do conteúdo e uma forma de apresentar pontos de vista privados por meio de um serviço público, que é o jornalismo.

Contra-pondo-se às motivações ideológicas, o padrão evidenciado pela pesquisa pode mostrar-se benéfico para o alcance do objetivo do jornalismo, como explica Nilson Lage (2002):

O jornalismo é uma forma de conhecimento e, como tal, incumbe-se de atualizar o nível de informação da população com velocidade impossível de alcançar por outro meio. Sua necessidade social ampliou-se na medida em que as transformações políticas, sociais, científicas e tecnológicas se aceleraram, tornando inviável a atualização por outros processos, como contatos pessoais, demonstrações em auditórios etc (LAGE, 2002, p1).

Nessa conjuntura, é possível avaliar a adoção de uma fórmula por uma perspectiva funcionalista e atribuir a ela um valor positivo. A fórmula teria, então, facilitado o acesso à informação a um público mais amplo.

Por exemplo, a escola americana predica a eliminação dos pronomes de tratamento, que apareciam com frequência nos jornais como pode ser verificado na seguinte manchete do período 1934-1945:

“O **Sr.**Getúlio Vargas foi eleito para a presidência constitucional do Brasil”.

A eliminação dos pronomes de tratamento contribuiu para tornar as sentenças mais curtas. Outro aspecto que ajudou nesse processo foi a eliminação da maioria dos advérbios e adjetivos das sentenças. Segundo Lage, a retirada desses componentes tinha o objetivo de reduzir o juízo de valor nas frases. No período de 1934-1945 era possível verificar sentenças como as seguintes:

“Movimento **subversivo** em Pernambuco e no Rio Grande do Norte”;
“Subjugado **audacioso** golpe integralista no Rio”;
“Itália rendeu-se **incondicionalmente** aos aliados”.

Nos três exemplos, pode-se verificar o uso de adjetivos ou advérbios. Outros dois pontos que as sentenças evidenciam são o uso de frases nominais e de termos “metidos à besta”, na linguagem de Bacellar e Bistane (2005). A busca da simplificação da linguagem rejeitaria o termo “subjugado”, por não ser de domínio de grande parcela dos leitores.

Se, como afirma Lage (2002), os adjetivos e advérbios foram suprimidos com a intenção de tornar o discurso ideologicamente isento, pode-se inferir que, no período de 1934-1945, o jornalismo mantinha uma posição mais opinativa e um posicionamento político mais declarado.

Em síntese, pode-se afirmar que a pesquisa evidenciou a existência de um padrão de construção frasal no jornalismo atual, em contraponto com o jornalismo praticado em 1934-1945.

Essa mudança pode ser atribuída a diversos fatores. Entre os principais, estão a ascensão da ideologia capitalista, que procura uma fórmula simplificada para produzir notícias em série; a ascensão da televisão como principal meio de informação, que leva os jornais impressos a adotar uma linguagem similar a do meio televisivo; e o aumento da heterogeneidade do público leitor, que exigiu a adoção de uma linguagem mais generalista.

5.1. O revisor e o jornalismo

Por meio da análise dos resultados, percebe-se que o trabalho de um revisor em um jornal guarda peculiaridades. Enquanto, em processos de revisão de livros, o profissional pode realizar três revisões, no jornalismo ele terá tempo para no máximo duas.

Os resultados da pesquisa destacam alguns pontos críticos que devem nortear o revisor em seu trabalho em um jornal impresso. Por exemplo, ao propor a reescritura de uma frase, o revisor deverá optar pelo menor número de palavras. Além disso, ele deve sempre buscar empregar a ordem direta. Inversões sintáticas são desaconselhadas, pois podem tornar a leitura mais truncada.

Ao mesmo tempo, deve-se evitar períodos compostos. A revisão precisa ser feita levando em conta a premissa de uma ideia por frase, ou seja, se a frase puder ser dividida em duas para que o período fique menor, o revisor deve fazê-lo.

O escritor Luiz Fernando Veríssimo (2003, p.142) define bem o objetivo do texto jornalístico: “sabemos como um advérbio de modo ou uma firula desnecessária podem atrasar a vida, e procuramos o texto enxuto, a frase três-em-um (a que diz no mínimo três coisas com um verbo só) e a concisão”.

O revisor deve também evitar substituir uma frase na voz ativa por uma na voz passiva. Atualmente, o jornalismo é focado no agente. Segue-se a regra do *lead*, a fim de responder as perguntas: Quem?; Quando?; Onde? Por quê?; e Como?.

O conhecimento prévio do modelo jornalístico pode tornar o processo mais rápido, o que vai ao encontro da velocidade que o jornalismo exige. Como ressalta Aristides Coelho Neto (2008, p.108), “recomenda-se ao revisor, antes de iniciar um trabalho de revisão, não dar indícios de ser um autor frustrado, alterando um texto indefinidamente”.

Caso o revisor depare com a necessidade de mudar o texto para torná-lo mais coerente, é conveniente seguir a receita de empregar sentenças curtas, na ordem direta e na voz ativa, o que garante uma grande possibilidade de acerto e evita desgastes com os jornalistas.

5.2. Trabalho preventivo – relato de uma experiência em redação

A doutora em linguística Patrícia Nunes descreve uma experiência que pode apontar o espaço a ser ocupado pelos revisores nas redações jornalísticas.

Nunes trabalhou na sucursal de Brasília do jornal *Folha de S. Paulo*. Segundo ela, seu conhecimento da língua era utilizado de forma mais preventiva do que reativa.

Na Folha, a tarefa de revisão era meio híbrida: eu era chamada "professora de português", então eu olhava os erros registrados pela Redação em São Paulo e dava aulas sobre os erros mais comuns, a fim de evitá-los. Nunca li textos antes da publicação (NUNES, 2010).¹

Nota-se um filão pouco explorado pelos revisores. A experiência de Nunes pode indicar uma forma mais ampla de entender a profissão de revisor. A atuação se daria em um ponto intermediário entre o trabalho de revisor e o de professor.

Essa forma de atuar pode minimizar o confronto com jornalistas, pois, em uma redação de jornal, “os prazos para reflexão sobre as questões gramaticais é escasso. Às vezes, há resistência em se aceitar o trabalho do revisor, alegando longa prática na produção de textos” (NUNES, 2010).

Mesmo não criando nova etapa no processo de produção das matérias, a presença do especialista em português pode causar incômodo em profissionais que vivem da produção textual. Como relata Nunes:

Lembro que uma vez um jornalista reclamou ao Diretor da Redação que não queria assistir à aula de Português. O Diretor imediatamente respondeu: “Se você escrevesse tão bem quanto você pensa, não precisaria da professora de português. Vá para a aula.” (NUNES, 2010).

Um dos fatores que podem complicar a inserção do revisor nas redações é o que o pesquisador Nelson Traquina chama de comunidade jornalística. “O poder dos media não está só (nem principalmente) no seu poder de declarar as coisas como sendo verdadeiras, mas no seu poder de fornecer as formas sob as quais as declarações aparecem” (SHUDSON apud TRAQUINA, 2005, p.203).

Nesse contexto, é possível compreender que os jornalistas imponham barreiras ao acesso de profissionais de revisão nas redações, pois a presença de revisores poderia tornar-se uma ameaça à dominação da forma de declarar do jornalismo.

O *ethos* jornalístico tem sido determinante na elaboração de toda uma mitologia que encobre a atividade jornalística e que marca não só os próprios profissionais do campo jornalístico como também tem sido projetado no imaginário coletivo. (TRAQUINA, 2005, p.202/203)

¹ As informações da doutora Patrícia Nunes foram obtidas em entrevista, por e-mail, no dia 16 de dezembro de 2010.

O jornalista é reconhecido por grande parte da sociedade como um profissional que tem domínio sobre as normas gramaticais. A presença do revisor poderia fazer que alguns jornalistas sentissem que seus conhecimentos linguísticos estariam sendo postos à prova.

Dessa forma, recomenda-se que o trabalho do revisor seja apresentado como uma forma de aprimoramento, e não de controle da redação dos textos jornalísticos. O caso de Nunes mostra que a estratégia pode dar certo.

6. Conclusão

A pesquisa apontou indícios de que o jornalismo impresso adota uma fórmula para produção de conteúdos. Frisa-se que esse padrão gramatical já foi mapeado pelo pesquisador Nilson Lage no conjunto de textos que compõem a gramática do texto jornalístico.

É necessário fazer a ressalva de que esta análise foi centrada somente nas manchetes principais contidas na primeira página, que apresenta características distintas do restante do jornal. Apesar disso, uma verificação mostrará que as regras gramaticais adotadas nas manchetes são replicadas ao longo de todos os textos de um jornal.

A pesquisa buscou evidenciar, por meio de exemplos, o modelo que é seguido na redação jornalística. O objetivo foi tentar subsidiar o trabalho do revisor que trabalha nessa área, apontando algumas premissas da construção textual jornalística, como o emprego de sentenças curtas, na ordem direta e na voz ativa.

Como ressalta Giddens (2003), vive-se hoje em um mundo em disparada. Com a ascensão da televisão e mais recentemente da internet, a demanda por informações aumentou exponencialmente. Da mesma forma, houve um crescimento significativo no número de fontes jornalísticas.

Para destacar-se entre essas inúmeras fontes, o jornal impresso precisa oferecer um produto com qualidade cada vez maior. O grande capital dos jornais impressos para competir com meios mais ágeis, como a televisão e a internet, é a credibilidade da sua marca.

Essa credibilidade requer um texto bem escrito, que seja simples, mas que não deixe de respeitar parâmetros gramaticais. Nesse ponto, fortalece-se um campo para a atuação do revisor.

Para ganhar espaço no meio jornalístico, no entanto, o profissional de revisão deve entender que o jornalismo segue normas próprias, que por vezes não coincidem com a norma culta.

Como afirma Foucault (1998, p.37), “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for de início qualificado para fazê-lo”.

O jornalismo é um meio dinâmico. As informações precisam ser transmitidas de forma ágil e objetiva. Esta pesquisa, ao lançar luz sobre os padrões frasais adotados nesse meio, procura instrumentalizar o revisor para que ele possa acompanhar o ritmo da produção de notícias.

Muitas empresas de comunicação abrem mão da revisão, porque o profissional não entende o ritmo exigido e acaba tornando-se um entrave. O revisor, ao atuar no campo jornalístico, deve ter em mente que faz parte de uma linha de produção.

Além disso, deve entender que as empresas jornalísticas estão dominadas por uma lógica capitalista e que o seu sucesso deve-se também ao fato de serem capazes de informar seu leitor antes do jornal concorrente.

Como afirma Traquina (2005, p.207), “enquanto o polo ideológico define o jornalismo como um serviço público, o pólo econômico define o jornalismo como um negócio”.

Além disso, a pesquisa apresentou uma forma alternativa de atuar, na qual o profissional faria um papel híbrido de professor e revisor, atuando de forma preventiva, mapeando os principais erros e reforçando o conhecimento gramatical dos jornalistas.

Essa fase pode servir também como uma porta de entrada para os revisores passarem a atuar também na revisão corretiva dos textos.

Esta pesquisa buscou apontar diretrizes para tornar o processo de revisão mais dinâmico e, dessa forma, ampliar o campo de atuação dos revisores e aumentar a qualidade da informação.

7. REFERÊNCIAS

BACELLAR, L. e BISTANE, L. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.

BUENO, T. Prazer em conhecê-lo. **Revista Comunicarte**, n. 37. São Paulo, 2008.

CÂMARA JR, J. **Joaquim Mattoso Dispersos**. São Paulo: FGV, 1972.

COELHO NETO, A.C. **Além da revisão**. 2. ed. Brasília: Senac-DF, 2008.

DAMASCENO, A. Na Medida Certa. I Encontro Regional das Sociedades –IERS, Belém, 2005. Disponível em: <<http://www3.ufpa.br/>>. Acesso em 4 de março de 2011.

FERRER, D. Quem vê capa vê coração. **Revista da Graduação**. v.1, n.2. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/>>. Acesso em 4 de março de 2011.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

KAUFFMANN, C. et al. **Primeira Página**. 6. ed. São Paulo: Publifolha, 2006.

MANHÃES, E. **Análise do discurso**. In: DUARTE, Jorge e BARROS, ANTONIO (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

PENA, F. **Teoria do Jornalismo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

ROCHA, H. da et al. **Reflexões sobre a língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SEVCENKO, N. O rosto do mundo. In: KAUFFMANN, Carlos et al. **Primeira Página**. 6. ed. São Paulo: Publifolha, 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VERÍSSIMO, L.F. **Banquete com os deuses**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Anexo 1: Manchetes componentes do corpus da pesquisa

1934-1945 (Dez primeiros anos do governo Getúlio Vargas)

- 1- O Sr. Getúlio Vargas foi eleito para a presidência constitucional do Brasil
- 2- Movimento subversivo em Pernambuco e no Rio Grande do Norte
- 3- Addis Abeba foi ocupada pelas tropas do marechal Badoglio
- 4- O General Franco assumiu o comando das forças rebeldes
- 5- Promulgada hontem nova Constituição para o paiz
- 6- O chanceler Hittler annexou a Áustria à Allemanha
- 7- Subjugado audacioso golpe integralista no Rio
- 8- As tropas allemãs occupam a Bohemia e a Moravia
- 9- Os nacionalistas entraram victoriosos em Madrid
- 10- A França, Inglaterra e Russia concertam um pacto defensivo
- 11- França e Inglaterra dirigem um "ultimatum" ao Reich
- 12- Annexada à Rússia quasi a metade do território polonez
- 13- Concluido o pacto germano-russo de delimitação de fronteiras e consolidação de amizade
- 14- Iminente a Campanha de Desobediência Civil na Índia
- 15- O Brasil, em face dos Atentados contra sua Soberania, reconhece o Estado de Guerra com a Itália e Alemanha
- 16- Declarado em Estado de Guerra o Território Nacional
- 17- Instituido o Cruzeiro como Unidade Monetária Nacional
- 18- Itália rendeu-se incondicionalmente aos aliados
- 19- Notícias de fonte alemã anunciam que os aliados iniciaram as operações de invasão da Europa
- 20- Contingentes brasileiros de infantaria, artilharia e unidades aéreas desembarcam na Itália ocidental

1989 -2009 (dez primeiros anos da redemocratização)

- 1- Collor é virtualmente eleito
- 2- Revolta derruba ditador da Romênia
- 3- África do Sul liberta Nelson Mandela
- 4- Choque do Plano Collor é o maior de toda a história
- 5- Polícia Federal invade a Folha
- 6- Começa a Guerra!
- 7- Bush declara vitória na guerra
- 8- Ermírio diz que o governo empurra para a ilegalidade
- 9- Acabou a União Soviética
- 10- Isolado pelo "Collorgate", presidente tenta hoje salvar o mandato hoje na TV
- 11- 70% acham que o Congresso deve aprovar o impeachment de Collor
- 12- Impeachment!
- 13- Chacina mata 111 presoso em SP
- 14- Israel e OLP assinam acordo de paz
- 15- PC Farias é preso na Tailândia
- 16- Acidente mata Ayrton Senna
- 17- Real entra em circulação no país amanhã e vale CR\$2.750
- 18- Brasil é tetra
- 19- Governo libera gasto "eleitoreiro"

- 20- FHC é presidente
- 21- Terror explode prédio nos EUA
- 22- Cai monopólio do petróleo
- 23- Assassinado premiê de Israel
- 24- Inaugurado novo centro gráfico da Folha
- 25- PC Farias é assassinado em Maceió
- 26- Avião da TAM cai sobre casas em SP e mata 101
- 27- Deputado conta que votou pela reeleição por R\$200 mil
- 28- Acidente mata lady Di, 36, em Paris
- 29- Crash global paralisa Bolsa de NY e causa maior queda desde 90 em SP
- 30- França é campeã do mundo; Brasil sofre sua pior derrota
- 31- Maior leilão da história vende a Telebrás por R\$22 bilhões
- 32- FHC é o primeiro presidente a se reeleger na história do país
- 33- Forças da Otan atacam Iugoslávia

Anexo 2: Matriz comparativa 1934-1945 e 1989-2009

PERÍODO DE 1934-1945

MANCHETE	ORDEM DIRETA	VOZ ATIVA	Nº PALAVRAS
1	SIM	NÃO	12
2	SIM	SIM	10
3	SIM	NÃO	8
4	SIM	SIM	9
5	NÃO	NÃO	7
6	SIM	SIM	8
7	NÃO	NÃO	6
8	SIM	SIM	9
9	SIM	SIM	6
10	SIM	SIM	9
11	SIM	SIM	8
12	NÃO	NÃO	9
13	NÃO	NÃO	13
14	SIM	SIM	8
15	NÃO	SIM	19
16	NÃO	NÃO	8
17	NÃO	NÃO	7
18	SIM	SIM	6
19	SIM	SIM	15
20	SIM	SIM	12

Quadro 1 – Em vermelho, as frases que não estão na ordem direta; as que não estão na voz passiva; e aquelas que têm mais palavras que a média do período 1989-2009.

PERÍODO DE 1989-2009

MANCHETE	ORDEM DIRETA	VOZ ATIVA	Nº PALAVRAS
1	SIM	NÃO	4
2	SIM	SIM	5
3	SIM	SIM	6
4	SIM	SIM	11
5	SIM	SIM	5
6	NÃO	SIM	3
7	SIM	SIM	5
8	SIM	SIM	9
9	NÃO	SIM	4
10	NÃO	SIM	11
11	SIM	SIM	11
12	SIM	SIM	1
13	SIM	SIM	6
14	SIM	SIM	7
15	SIM	NÃO	6
16	SIM	SIM	4
17	SIM	SIM	10
18	SIM	SIM	3
19	SIM	SIM	4
20	SIM	SIM	3
21	SIM	SIM	5
22	NÃO	SIM	4
23	NÃO	NÃO	4
24	NÃO	NÃO	6
25	SIM	NÃO	6
26	SIM	SIM	11
27	SIM	SIM	9
28	SIM	SIM	7
29	SIM	SIM	14
30	SIM	SIM	10
31	SIM	SIM	10
32	SIM	SIM	12

Quadro 2 - Em vermelho, as frases que não estão na ordem direta; as que não estão na voz passiva; e aquelas que possuem mais palavras que a média do período 1934-1945.